

A cidade de Jequié-Ba: Processos históricos de ocupação, povoamento e materialização do espaço urbano

The city of Jequié-Ba: Historical processes of occupation, settlement and materialization of urban space

Renaildo Santos da Conceição

Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
PPGEO/UESB, Brasil
renaildosantos@hotmail.com

Meirilane Rodrigues Maia

Profa. Dra. do Departamento de Geografia da UESB e
do Programa de Pós Graduação em Geografia-PPGEO/UESB, Brasil
meire.maia@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o processo histórico de ocupação e povoamento da cidade de Jequié-BA. O estudo apresenta significativa importância, haja vista que os resultados elucidam o processo de ocupação, delimitação, transformação e urbanização da cidade. Diante disso, poderá subsidiar possíveis estudos à comunidade local, científica e escolar. Na consecução do trabalho realizaram-se pesquisas de campo e elaboração de mapas, bem como análises das obras de Santos (1957) e Araújo (1997) que subsidiaram os estudos. Os resultados comprovam que a ocupação, povoamento e formação urbana de Jequié têm em seu arcabouço histórico disputas conflituosas entre os colonizadores e os indígenas na conquista do território e na busca por pedras preciosas. Ainda, verificou-se que as terras onde se localiza a cidade estiveram, desde o período colonial numa zona de confluência de muitas estradas, o que facilitou a passagem e parada dos tropeiros e fluxo de muitas pessoas no processo de vendas e trocas de mercadorias. Como as terras jequieenses estão em área de transição entre a zona da mata e a caatinga (onde se encontra a maior parte do município) as áreas próximas dos rios das Contas e Jequiezinho foram atrativas para o processo inicial de ocupação e povoamento. Comprovou-se, ainda, que Jequié, atualmente, se mantém no competitivo ramo econômico baiano nos setores de educação, comércio, serviços e saúde, de forma que atende aos 16 municípios da microrregião Médio Rio das Contas e, indiretamente, sustenta, também, sua importância como cidade de entreposto rodoviário.

Palavras-chave: Cidade Média; Colonização; Sociedade-Natureza; Urbanização.

Abstract

This research aimed to analyze the historical process of occupation and settlement of the city of Jequié-BA. The study is of significant importance. The results elucidate the process of occupation, delimitation, transformation and urbanization of the city. Therefore, it may support possible studies to the local, scientific and school community. In the achievement of the work, field research and maps were carried out, and analyses of Santos (1957) and Araújo (1997) supported the studies. The results prove that the occupation, settlement and urban formation of Jequié, have in their historical framework conflicting disputes between the colonizers and the indigenous in the conquest of the territory and the search for precious stones. Furthermore, it was found that the lands where the city is located have been, since the colonial period, in an area of confluence of many roads, which facilitated the passage and stop of the *tropeiros* and flow of many people in the process of sales and

exchange of goods. As the Jequiense lands are in a transition area between the forest area and the caatinga (where most of the municipality is located), the areas near the rivers of Contas and Jequezinho were attractive for the initial process of occupation and settlement. It was also proved that Jequié currently remains in the competitive economic branch of Bahia in the education, commerce, services and health sectors, in a way that serves the 16 municipalities of the Médio Rio das Contas microregion and, indirectly, also supports its importance as a city of road warehouse.

Keywords: Middle City; Colonization; Nature Society; Urbanization.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade, nesse início de século XXI, utiliza meios tecnológicos para exploração e utilização dos recursos naturais na transformação das paisagens; em que o avanço técnico-científico parece ter alcançado seu ápice; no passo contraditório, a relação sociedade-natureza tem se tornado cada vez mais intensa e complexa. As cidades são, visivelmente, os resultados mais expressivos dessa dinâmica entre a sociedade, natureza e tecnologia por meio dos processos de industrialização e urbanização. Porém, cabe ressaltar que a sociedade – o homem com suas diversas relações e ações individuais e em grupos –, utilizou a técnica em suas distintas épocas no processo histórico para utilização e transformação da natureza desde a antiguidade. Destarte, para compreensão da conjuntura atual dos espaços urbanos, é necessário resgatar o processo histórico da ocupação humana sobre o espaço terrestre e as formas de transformação do meio natural.

No binômio espaço-tempo, as cidades adquirem novas formas no espaço na medida em que o tempo avança, uma vez que a sociedade vive em dinâmicas contínuas de transformação e produção da natureza para diversos fins. É possível afirmar que cada espaço urbano está atrelado à maneira em que a sociedade se organizou/organiza para o processo de produção, reprodução, consumo de alimentos, mercadorias e serviços. Na atualidade, essa conjuntura se faz, sobretudo, com a geração de riquezas, giro de capital e produção de mais-valia. Para Sant’Anna Neto (2011) as cidades sempre representaram o apogeu da organização social e da sofisticação tecnológica de seu tempo ao longo da história da humanidade.

Segundo Sposito (1988) o espaço é história e nesta perspectiva, a cidade de hoje é o resultado cumulativo de todas as outras anteriores, transformadas, destruídas, reconstruídas, produzidas pelas transformações sociais ocorridas por meio dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações. Carlos (2007) reforça que os sítios urbanos são construções humanas e, também, produtos construídos na dimensão histórico-social e, portanto, surge como trabalho consolidado que se acumula ao longo do processo histórico por meio de variadas gerações. Expressão e significação da vida humana, obra e produto no processo histórico cumulativo.

Para Mendonça (2001) a cidade é uma construção humana que se faz pela aglomeração de pessoas mais os equipamentos e edificações em seu dinamismo de atividades num determinado

local. Sposito (1988) regressa no período paleolítico e no neolítico para compreensão da relação, de alguma forma, do homem com seu meio. Para a autora, é possível compreender que já, durante o paleolítico, a primeira semente para o surgimento dos aglomerados urbanos havia sido lançada, pois os homens, embora não tivessem ainda moradia fixa, já se relacionavam com um lugar, um ponto do espaço que era ao mesmo tempo de encontro e de prática cerimonial. A autora destaca que no neolítico já havia se realizado a primeira condição para o surgimento das cidades, qual seja a fixação do homem na terra através do desenvolvimento da agricultura e da criação de animais, mas faltava a concretização da segunda condição, que é uma organização social mais complexa.

Percebe-se que nos períodos paleolítico e neolítico, na relação homem e meio, mesmo que de forma ainda tímida, o homem via a natureza como novas possibilidades de sobrevivência: seleção e plantio de sementes, criação de animais, o que promoveu a permanência dos aglomerados humanos num lugar – as aldeias. Com as novas descobertas, aumentam-se também as técnicas para a subsistência humana. Tempos mais tarde o avanço para a produção de alimentos e criação de animais se consolidam e se tornam dinâmicos na busca do homem com seu meio para novos avanços.

Destarte, os processos históricos de aglomeração humana estão no arcabouço das primeiras possibilidades do homem como indivíduo construindo sua organização social para sobrevivência e divisão do trabalho, o que, de certa forma, possibilitou a formação dos primeiros aglomerados urbanos na antiguidade e fomentou novas possibilidades na continuação deste processo de formação das cidades. Lefebvre, numa visão destes processos ligados aos modos de produção observa que

A industrialização fornece o ponto de partida da reflexão sobre nossa época. Ora, a Cidade preexiste à industrialização. Esta é uma observação em si mesmo banal, mas cujas implicações não foram inteiramente formuladas. As criações urbanas mais eminentes, as obras mais ‘belas’ da vida urbana (‘belas’, como geralmente se diz, porque são antes obras do que produtos) datam de épocas anteriores à industrialização. Houve a cidade oriental (ligada ao modo de produção asiático), a cidade arcaica (grega ou romana, ligada à posse de escravos), depois a cidade medieval (numa situação complexa: inserida em relações feudais mas em luta contra a feudalidade da terra). A cidade oriental e arcaica foi essencialmente política: a cidade medieval, artesanal, bancária. Ela integrou os mercados outrora quase nômades, relegados para fora da cidade. (LEFEBVRE, 2001, p. 11).

Conforme as observações de Lefebvre (2001) é possível analisar que a existência das cidades, ou aglomerados humanos, preexiste nas combinações da produção do espaço vinculada na relação homem-homem e homem-natureza nos modos de produção, seja no processo mais recente, com a industrialização ou os mais antigos ligada ao modo de produção asiático. Aqui é possível observar a relação sociedade-natureza em suas diferentes épocas e, também, que as construções urbanas além do valor de uso possuem o valor de troca no tempo e espaço.

Por conseguinte, as indústrias foram se formando, o avanço técnico se faz de forma cada vez mais abrangente em novas formulações e tentativas de superação da técnica vigente e na busca

de novos instrumentos para suporte e manutenção das indústrias e comércio. Um exemplo se dá com a geração da máquina a vapor e a primeira Revolução Industrial, na segunda metade do século XVIII e, nos séculos seguintes, novas Revoluções Industriais com inovações para as descobertas e criação de instrumentos cada vez mais sofisticados, sobretudo para produção de insumos e recursos minerais para geração de energias, como a eletricidade e o petróleo. Investidas que condicionaram, cada vez mais, principalmente na segunda metade do século XX, ao processo de urbanização vinculada ao de industrialização.

Sposito analisa que

Ainda que a indústria seja a forma através da qual a sociedade apropria-se da natureza e transforma-a, a industrialização é um processo mais amplo, que marca a chamada Idade Contemporânea, e que se caracteriza pelo predomínio da atividade industrial sobre as outras atividades econômicas. Dado o caráter urbano da produção industrial (produção essa totalmente diferenciada das atividades produtivas que se desenvolvem de forma extensiva no campo, como a agricultura e a pecuária) as cidades se tornaram sua base territorial, já que nelas se concentram capital e força de trabalho. [...] Nesta perspectiva, entender a urbanização a partir do desenvolvimento industrial, é procurar entender o próprio desenvolvimento do capitalismo. (SPOSITO, 1988, p. 43).

Após as Revoluções Industriais, com criação de indústrias ainda mais modernas e com capacidade de produção com maior eficácia, o processo de industrialização se ampliou, na medida em que a tecnologia avançou, nos países, continentes e regiões do Planeta. O processo de urbanização se tornou inerente ao da industrialização, de forma que aquelas cidades que foram criando suas indústrias e implantando outras de países distintos, apresentaram intensificação e expansão da malha urbana para subsidiar a manutenção do sistema capitalista para produção e giro de mercadorias.

O mundo, em seu processo constante de industrialização e urbanização foi marcado pelos “progressos” e avanços técnico-científicos, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Com o avanço da medicina, principalmente na geração de muitas vacinas e medicamentos, a humanidade passou a viver um exponencial aumento da expectativa de vida. O crescimento populacional se fez de forma cada vez mais progressiva, os grandes centros urbanos sofreram intensa industrialização com a chegada de muitas multinacionais, principalmente após a Guerra Fria com a queda do Muro de Berlim e maior disseminação do sistema capitalista no mundo globalizado. Fatores que impulsionaram o êxodo rural de muitos migrantes em direção aos grandes centros urbanos. No Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro foram os eixos de destino, principalmente dos nordestinos e nortistas.

Todavia, os processos de industrialização e urbanização não se restringiram/restringem apenas aos grandes centros urbanos, o sistema capitalista é caracterizado por desenvolver suas indústrias e se expandir para mais espaços possíveis para utilização dos recursos naturais e exploração de mão-de-obra barata. Para tal, as médias e pequenas cidades são, também,

condicionantes para o processo de industrialização e urbanização, seja para subsidiar outras indústrias do próprio país ou em âmbitos de exportação internacional. Sposito (1988) expõe que com o modo de produção capitalista assim se desenvolvendo, a rede urbana foi se organizando em hierarquias, e possibilitou a formação de grandes aglomerados, espaços de concentração de capital, de meios de produção, e locais da gestão do próprio modo de produção. Estas aglomerações subordinavam outras de porte médio, as quais exerciam e exercem o papel de ligação com os pequenos centros.

Neste contexto, esse estudo teve como objetivo analisar os processos históricos de ocupação e povoamento da cidade de Jequié, no interior do Estado da Bahia, com perspectiva de verificar e apontar como se fez e faz a produção do espaço no tempo, na relação sociedade-natureza e aparato técnico-científico.

2. PROCEDIMENTOS EXECUTADOS

Para realização da pesquisa foi necessária revisão bibliográfica para suporte teórico acerca da dinâmica de formação dos aglomerados urbanos. As obras de Sposito (1988) e Lefebvre (2011) possibilitaram uma visão mais abrangente e apurada dos processos de formação das cidades desde a antiguidade ao mundo contemporâneo. Enquanto os estudos de Santos (1957) e Araújo (1997) subsidiaram os estudos de ocupação, povoamento e urbanização da cidade de Jequié.

Foram realizadas pesquisas de campo na cidade para compreensão dos processos mais recentes de urbanização e dos vetores que condicionaram a ocupação do espaço urbano de Jequié (rio das Contas, rio Jequezinho e sistema viário), e, também, para verificar como estão postos os eixos da extensão da malha urbana e demais aspectos socioeconômicos atuais.

Para maior compreensão do espaço urbano de Jequié, foram elaborados mapas de localização, por meio do programa *MapViewer* e *Quantum Gis* para os principais cursos fluviais e sistema viário do sítio urbano com emprego de imagens satélites e DATUM: Sirgas 2000, 24 S, UTM. Ainda foram analisados os aspectos socioeconômicos nas plataformas digitais do IBGE e da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) para melhor compreensão dos aspectos urbanos e socioeconômicos da cidade. Para melhor explanação e exposição, os resultados foram ilustrados em discussões textuais acompanhadas de imagens e mapas da área de estudo numa visão histórica de ocupação e os diversos usos do espaço urbano de Jequié na dinâmica temporal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade de Jequié-BA (Figura 1) ocupa uma área de 47.273,14m² e se localiza entre as coordenadas sul 376.373,62 e 390.022,32 e oeste 8.473.076,89 e 8.463.252,33 no geo-

referenciamento ao Sistema Geodésico Brasileiro e encontram-se representadas no Sistema UTM, referenciadas ao Meridiano Central nº 39 WGr, tendo como Datum o SAD-69. (PLANO DIRETOR MUNICIPAL, 2007).

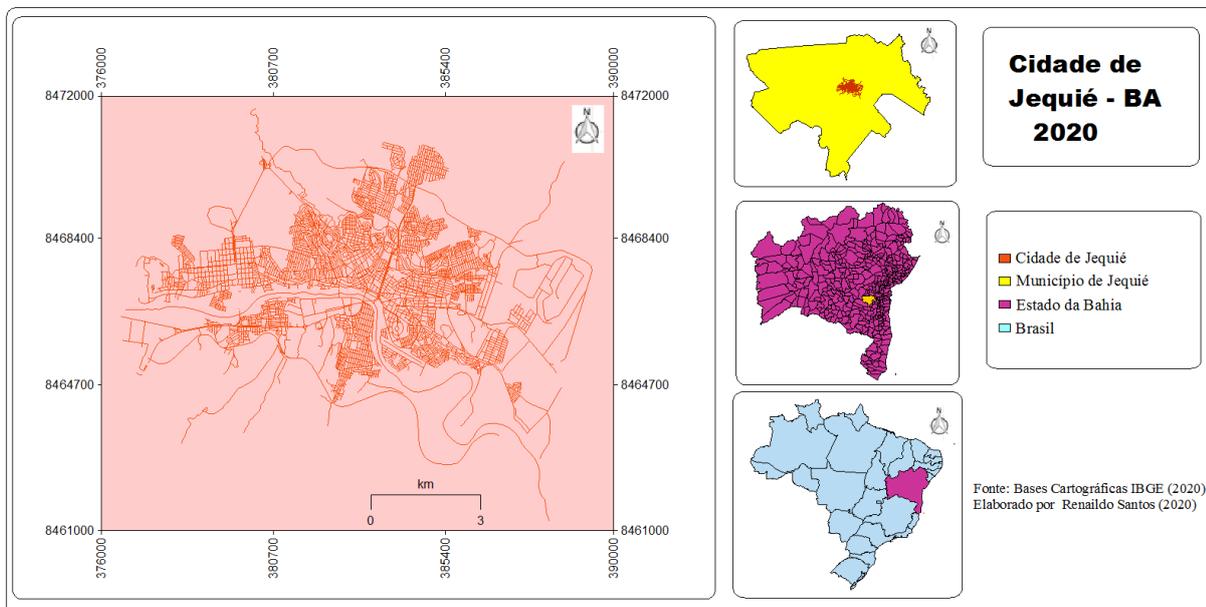


Figura 1 - Localização da cidade de Jequié-BA, 2020.

Fonte: Bases cartográficas IBGE (2019).

Elaboração: CONCEIÇÃO, R. S.; (2020).

A cidade está situada nas porções norte-nordeste e leste do município. Segundo os dados do IBGE (CENSO 2010), o sítio urbano possui um total de 139.426 habitantes, sendo que a população feminina é superior à masculina, com 72.571 e 66.855 habitantes, respectivamente. Nos aspectos econômicos, Jequié se destaca nos setores de comércio, indústria, agropecuária, educação, saúde e serviços.

3.1. Jequié no período do Brasil colônia: Regresso na história

Quando se retorna à história da cidade de Jequié, ainda do Brasil colônia, observa-se com os estudos de Araújo (1997), que o Governo Geral do Brasil, com seu sistema de capitânias hereditárias, no ano de 1554 Mem de Sá foi contemplado com uma sesmaria ocupando uma área que se estendia entre o rio das Contas e Camamu, em seguida Mem de Sá transferiu a sesmaria aos Jesuítas para demarcação e povoamento que mais tarde, com a demarcação, ultrapassou os limites fixados no ato da doação, de Boipeba, Itacaré, Cairu e outras regiões, adentrando pelo Vale do Rio das Contas.

Com a doação da sesmaria da coroa portuguesa a José de Sá Bittencourt, mais as terras compradas, surgiu o imenso latifúndio Borda da Mata abrangendo territórios que hoje pertencem a Jequié, Camamu, Ipiaú, Jaguaquara, Maracás, Boa Nova, Itagi, Aiquara e Jitaúna (todas estas

idades são vizinhas atualmente). Em 8 de março de 1832, Borda da Mata começa a ser dividida entre os herdeiros de Bittencourt, o que acaba por desmembrar o território dando origem a várias propriedades com nomes de Lagoa do Junco, Ipoeira, Jacaré, Boca da Peça, Jibóia, Estreito, Torta, Curral dos Bois e a última foi doada ao filho e nora de Bittencourt, com nomes de José de Sá Bittencourt e Câmara, a qual foi chamada de Jequié, também conhecida como Barra de Jequié. Em seguida, a continuação do povoamento das terras que hoje pertencem ao município de Jequié continuou com os descendentes da Família Bittencourt: Filipe Nery, esposo de Leonara Sá, filha de Bittencourt e Câmara. (ARAÚJO, 1997).

Dessa forma, tem-se o quadro dos primeiros grandes nomes do processo de formação e crescimento do espaço que hoje é conhecido como a cidade de Jequié. Sejam os índios Botocudos e Mongoióis, Mem de Sá e Jesuítas com a capitania e sesmaria, João Gonçalves da Costa no processo de desbravamento, conquista e ocupação do Sertão da Ressaca, José de Sá Bittencourt com a utilização da propriedade Borda da Mata. Logo em seguida, o processo de ocupação continuou com os descendentes da família Bittencourt, na propriedade fazenda Jequié também conhecida como Barra Jequié. A partir desse momento José Rotondano, aparece na história econômica de Jequié com importância para a consolidação do comércio.

3.2. Processos de formação e crescimento urbano da cidade de Jequié

O surgimento do município de Jequié teve origem em seu arcabouço histórico de formação no processo de colonização pelos Portugueses na busca de pedras preciosas no curso do rio das Contas e, também, na tentativa de escravização de índios e exploração do pau-brasil. Araújo (1997) ressalta que esse processo de exploração e povoamento das terras pertencentes ao município de Jequié se fez por disputas conflituosas. Enquanto a ocupação se fazia, o Médio Rio das Contas, onde estão localizadas as terras que integram o município de Jequié, permaneceu ocupado durante muitos anos pelos aguerridos Mongoióis e quilombos que se formavam pelos foragidos da justiça. De 1651 a 1672 estourou a chamada Guerra dos Guerens, dela participando, como aliados, Mongoióis e Botocudos. Em todo o Vale do Rio das Contas, povoados foram atacados, propriedades arrasadas, campos incendiados, lavouras destruídas, rebanhos dizimados, famílias inteiras trucidadas pelo furor selvagem. Somente na metade do século XVIII, João Gonçalves da Costa derrotou, em caráter definitivo, o selvagem que habitava o Sertão da Ressaca.

Com as vitórias dos Portugueses sobre o Sertão da Ressaca, na liderança de João Gonçalves da Costa, o território Sertão da Ressaca, entre o rio Pardo e rio das Contas, passou a ser utilizado para caminhos das tropas e boiadas que eram conduzidos pelos tropeiros de Minas Gerais para o litoral, assim, com a necessidade de paradas para alimentar as tropas e boiadas e também

para descanso dos tropeiros, começou a se formar aglomerados humanos. Santos (1957) esclarece que na confluência do rio Jequezinho com o rio das Contas, foi-se formando um pequeno povoado, certamente para servir às diversas fazendas surgidas do retalhamento da antiga Borda da Mata. O crescimento da pequena povoação foi-se dando regularmente. Era ela preferida para pouso de tropas, em virtude de sua posição favorável em relação às comunicações com outros pontos da zona e isso contribuiu para aumentar-lhe as vendas, as trocas e comercialização de produtos, o comércio.

Diante desta conjuntura de formação dos aglomerados muitos desses lugares de pouso de tropeiros para descanso e alimentação das boiadas sucederam povoados, vilas e como consolidação histórica, muitos se tornaram cidades sedes de municípios, como acontece com as sedes de Jequié e Vitória da Conquista, no interior do estado baiano, que tiveram no bojo de suas vitórias territoriais as disputas lideradas por João Gonçalves da Costa, assim como a busca de metais preciosos e a criação ou parada temporária de boiadas. Cabe ressaltar que o rio das Contas e rio Jequezinho foram atrativos para parada dos tropeiros nas terras onde hoje está o sítio urbano de Jequié, assim como o rio Pardo e rio Verruga foram para Vitória da Conquista.

É importante ressaltar que o município de Jequié está situado em áreas de transição entre a Caatinga e a Mata Atlântica. Com áreas de semiaridez, onde a escassez de chuvas poderiam castigar os moradores e dificultar a sobrevivência humana, mas também com áreas úmidas, as quais apresentavam maior disponibilidade de recursos hídricos e áreas com melhores condições para o plantio e subsistência humana. Frente a essas condições de clima semiárido, esse espaço inicialmente não foi muito atrativo para o processo de povoamento, isso porque os grandes proprietários preferiam construir suas casas e sedes das fazendas nas áreas mais úmidas para fugir das secas e também para o cultivo do cacau. O sítio urbano se localiza em áreas de unidades geomorfológicas de planícies fluviais, serras marginais e maciço central, (RADAMBRASIL, 1982) diante disso, apresenta modelamento de relevo acidentado com presença de serras e morros, características que compõem a área urbana.

Porém, as terras onde se encontra a cidade de Jequié estavam situadas na confluência entre o rio das Contas e rio Jequezinho, uma área de terras de planícies fluviais convergida de muitas estradas, esta área se tornou um ponto de referência para a fixação humana e povoamento, mesmo com as condições de clima semiárido. A partir daí amplia-se o processo de expansão da malha urbana. Estas áreas, mesmo com as características de clima quente e seco, se tornaram as mais atrativas para diversas formas de utilização humana. Situação que não se faz diferente nos dias atuais, uma vez que o distrito industrial e centro comercial ainda se encontram nas proximidades entre estes importantes rios. A catedral foi construída na Praça Luís Viana, contudo foi destruída por uma enchente em 1914, os bairros Joaquim Romão e Jequezinho, os quais estão entre os

bairros mais antigos da cidade, também, foram edificados nas proximidades dos rios, como é possível observar na Figura 2.



Figura 2 - Visão Panorâmica da cidade de Jequié, nas imediações dos bairros Jequiezinho, Mandacaru, Joaquim Romão e Centro, 2020.

Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Na história de fixação humana na Terra desde os primórdios é perceptível que as pessoas preferiam construir suas casas próximas aos rios, lagos, lagoas e demais cursos hídricos, pela facilidade de utilização das águas para os diversos usos. Na cidade de Jequié não foi diferente, numa área de clima semiárido com períodos de longa estiagem, mas com o privilégio de estar situada às margens do rio das Contas, os primeiros moradores viram ali a possibilidade de construir suas casas, e assim o fizeram. O rio era utilizado para abastecimento humano e dessedentação de animais, irrigação das diversas culturas agrícolas. Ali as mulheres realizavam seu ofício de lavar roupas, louças e higienização de alimentos; crianças, jovens, adultos, homens e mulheres se banhavam nas águas do rio. Inicialmente eram essas as ações humanas sobre a natureza, uma forma menos complexa da relação sociedade-natureza.

Entretanto, com o passar das décadas a população cresceu e a vila emancipou-se de Maracás, 1897, anos seguintes, 1910, foi elevada a categoria de cidade e a vila; agora Jequié precisava apresentar condições de desenvolvimento e crescimento, que com sua emancipação, tem seus próprios administradores públicos. Dessa forma, a relação sociedade-natureza se tornou mais intensa, muitas casas foram construídas, a cobertura vegetal é subtraída e cede lugar para construção de novas ruas, o processo de urbanização começa a surgir com maior magnitude.

Com o aparato tecnológico as pontes sobre o rio das Contas e rio Jequiezinho foram construídas permitindo o surgimento de novas ruas e bairros e a malha urbana se estende para além das proximidades dos rios. Araújo (1997) analisa que no passado, antes da devastação das matas e das grandes enchentes que alargaram suas margens, era o rio das Contas piscoso, de maior correnteza, apresentando corredeiras e cachoeiras que sempre impediram sua navegabilidade, salvo

nas proximidades do oceano e da Barragem de Pedra. Por ser um rio de regime torrencial, enche quando chove nas cabeceiras, apresentando-se quase seco nos períodos de estiagem.

Na Figura 3 é possível observar que o rio das Contas e rio Jequeizinho estão em grande parte do sítio urbano, abrangendo as áreas centrais, as quais são mais antigas no processo de formação do embrião urbano, ainda se estende às regiões norte-sul e leste-oeste. Na área central da cidade há confluência dos dois rios, onde o rio das Contas recebe as águas do seu afluente rio Jequeizinho. Também, pode ser observado que a malha urbana se estende por todas as áreas próximas e as adjacentes dos leitos fluviais em todas as direções, caracterizando uma malha urbana radial aos rios.

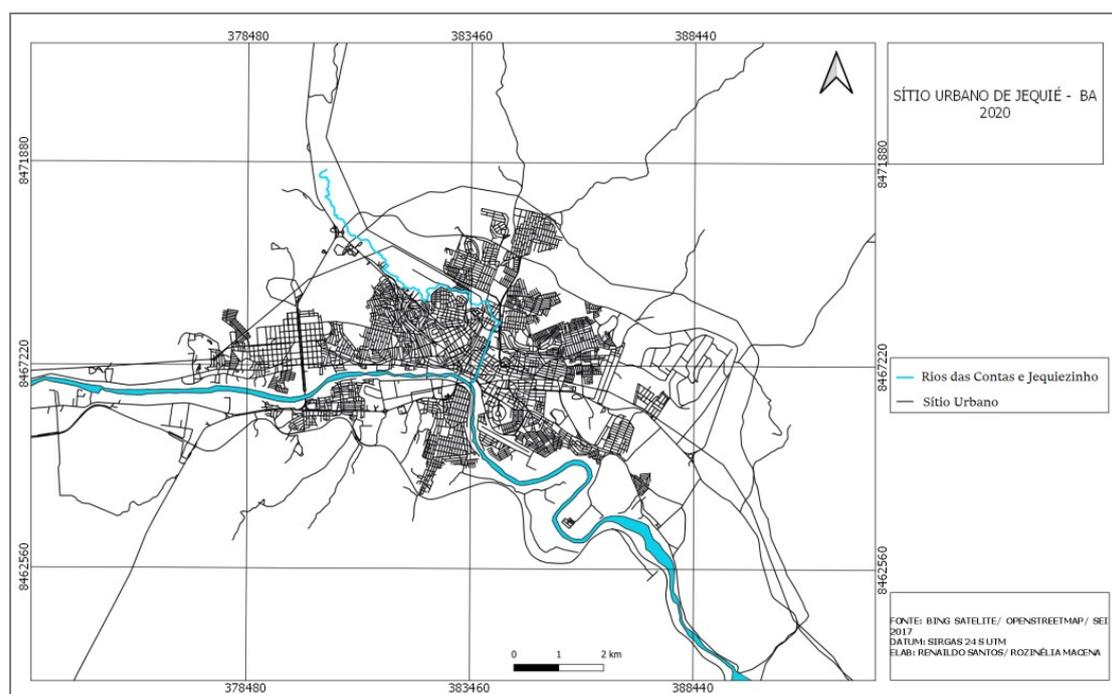


Figura 3 – Rede Hidrográfica e malha urbana de Jequié-BA, (2020).

Fonte: Bing Satélite / OpenstreetMap / Sei (2017).

Elaboração: CONCEIÇÃO, R. S.; MACENA, R. (2020).

O processo de ocupação e utilização do solo urbano nas áreas adjacentes aos rios pode ser considerado, de certa forma, recente. A princípio as planícies fluviais eram as mais atrativas, contudo, quando já formado a artéria de povoamento, muitas sedes de fazendas e residências foram destruídas pelas frequentes enchentes e inundações causadas pelo rio das Contas e rio Jequeizinho. Sem condições financeiras e ainda por falta de aparato tecnológico necessário para a reconstrução das sedes e residências, muitos proprietários decidiram reconstruir suas casas em áreas mais distantes dos leitos fluviais.

O espaço em que se iniciou o povoamento da cidade, sempre esteve atrelado às condições naturais: com o histórico de enchentes, os moradores começaram a desviar-se das terras fluviais sujeitas a inundações, mas com o passar da história e o crescimento populacional, os moradores e

migrantes que chegavam ali, diante das condições de relevo, com o centro em áreas mais planas, porém circundado por serras e morros, viram que precisavam vencer as limitações impostas pelas enchentes nas proximidades dos leitos fluviais e com a tecnologia que se fazia presente viram alternativas para superar as enchentes e urbanizar as terras fluviais com maior intensidade. Feito isso, a malha urbana não demorou muito para se estender de forma mais expressiva nas proximidades dos rios Jequezinho e das Contas. O rio Jequezinho foi canalizado (Figuras 4 e 5) no sentido leste-oeste passando pelas áreas centrais até seu encontro com o rio das Contas. Muitas pontes foram construídas para dar acesso do centro ao bairro Jequezinho, duas grandes avenidas com significativo fluxo de carros e pessoas fazem esse cruzamento, a avenida César Borges, paralela a via de canalização do rio e a avenida Franz Gedeon, perpendicular ao rio, entre o centro e o bairro Jequezinho.



Figura 4 - Rio Jequezinho canalizado, imediações entre o centro da cidade e Bairro Jequezinho, Jequié /BA, (2020).
Fonte: Pesquisa de Campo, 2020.



Figura 5 - Rio Jequezinho canalizado, próximo ao rio das Contas, Jequié /BA, (2020).
Fonte: Pesquisa de Campo, 2020.

É perceptível que as cidades são os principais espaços das intervenções humanas sobre a natureza e que cada população se estrutura conforme as condições dos sistemas naturais e, também, por meio das suas formas e condições técnico-científicas para transformar o meio ambiente e adequar os sistemas naturais, como as formas de relevo, clima, áreas de inundação, entre outras, em ambientes modificados na tentativa de superar as fragilidades ambientais postas no presente. Diante disso, é possível perceber que as condições dos sistemas naturais, na maioria das vezes, não são consideradas, as encostas são urbanizadas, e, até mesmo, os topos das serras e morros. Muitas áreas sujeitas à inundação são aterradas, nascentes de rios são poluídas e soterradas e canais fluviais são desviados do seu curso natural. A natureza vai sendo transformada e adaptada para novos espaços atrativos para as construções civis numa perspectiva para que o crescimento urbano e econômico mantenham suas dinâmicas em ritmos constantes.

No mundo moderno, o crescimento das cidades se tornou cada vez mais intenso e complexo. No Brasil, essa situação se intensificou ainda mais a partir dos anos de 1950 com a instalação de muitas indústrias nos grandes centros urbanos e na década de 1970 com o significativo fluxo de pessoas saindo das zonas rurais para os espaços urbanizados. Esses elementos tornaram as cidades cada vez mais, um lugar dinâmico e de rápido crescimento. A cidade de Jequié, configurada como de porte médio, acompanhou, de certo modo, a relação das pessoas saindo do campo em direção aos espaços urbanos em destaque, sobretudo com a crise do cacau que acarretou o desemprego de muitas famílias das zonas rurais, por conta da crise, levando-as a tentar novas oportunidades após os anos 2000. Foram muitas famílias vindo das zonas rurais do próprio município, como também de outros próximos, como Apuarema, Itamari, Itagi, Jitaúna, entre outros.

Cabe lembrar que Jequié por ser o polo regional e por, naquela época, já apresentar mais de cem mil habitantes e todas as cidades citadas acima terem população urbana inferior a trinta mil habitantes, a partir dos anos 2000, Jequié já fazia parte de área de influência para o Médio Rio das Contas. Com um setor econômico produtivo diversificado no seguimento de serviços, comércio, saúde e educação a cidade já era atrativa e vista como possibilidade para novos moradores até mesmo de outras regiões de influência. Competindo, mesmo que de forma menos intensa de fluxo migratório, com Itabuna, Vitória da Conquista e Feira de Santana, todas consideradas como grandes centros urbanos do interior da Bahia.

Contudo, muitos dos novos moradores, com pouca condição financeira, e também por a cidade não apresentar ofertas crescente de empregos, compravam ou construíam suas casas nos bairros com menos estruturas urbanas, muitos até mesmo adquiriram lotes, ou casas sem documentos ou por situação fundiária irregular, situação muito visível nos assentamentos e loteamentos nas periferias dos eixos leste-oeste. Este é um problema que perdura até os dias atuais. Muitos moradores constroem suas moradias em direção às encostas de declive acentuado e nas

áreas próximas dos leitos fluviais ainda sem equipamentos urbanos. A falta de infraestrutura nas ruas e bairros sem saneamento, pavimentação e sistema de escoamento pluvial é um problema visível em muitas áreas do sítio urbano de Jequié.

Esta é a dinâmica das cidades, onde se têm diversos padrões de construção e de condições financeiras, uma vez que o mundo moderno é constituído de sociedade de classes, e, dessa forma, cada local, dentro do espaço urbano, vai ganhando sua dinâmica de ocupação e transformação da natureza. Na Figura 6 é possível observar o espaço urbano de Jequié com uma diversidade de padrões das construções. O qual, numa pequena distância, é possível observar realidades de grupos e classes sociais diferentes materializados pelas dinâmicas de ocupação e moradias: na Avenida César Borges, existem construções de baixo padrão, na medida em que a malha urbana se estende em direção aos Bairros São Judas Tadeu e Mutirão São Judas Tadeu é possível observar construções de médio a alto padrão.



Figura 6 - Padrões de moradias na cidade de Jequié, 2020.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2020.

Este é um padrão urbano muito visível na sociedade contemporânea, onde em um mesmo espaço existe segregação e divisão sócioespacial. Em anuência com Sant'Anna Neto (2011) isso se dá por que a produção do espaço urbano segue a lógica da reprodução capitalista, isto é, causador de espaços segregados e fragmentados da mesma forma que está longe de se produzir um sistema com respeito e adaptação às condições ambientais e naturais. Contradição que resulta em impactos altamente sensíveis aos diversos grupos sociais que habitam a cidade de forma também desigual, tornando as desigualdades sociais, ainda mais agudas.

3.3. Importância das vias de circulação para o povoamento, fortalecimento urbano e comercial de Jequié-BA

A formação e expansão da cidade de Jequié, no passado, também, estiveram atreladas às vias de circulação que se faziam presentes nas proximidades do município. O sítio urbano é o ponto de significativa fluidez entre as cidades próximas, como o eixo do litoral sul da Bahia: Ipiaú – Itabuna – Ilhéus, o eixo que possibilita acesso a capital do estado: Jaguaquara - Santo Antônio de Jesus – Feira de Santana – Salvador, e o eixo Manoel Vitorino – Poções – Vitória da Conquista que faz a conexão do Estado Baiano aos demais estados Nordeste e, também, às regiões sudeste e sul do país.

Esse ponto de fluidez assume significativa importância desde o processo de ocupação e povoamento da artéria urbana de Jequié, tanto para a passagem de boiadas vindas de Minas Gerais para o litoral baiano como para a movimentação de pessoas e de mercadorias. Para Santos (1957), o que parece ter explicado no passado, como razão de seu crescimento, é a privilegiada posição da localidade, como ponto natural de convergência de estradas. As que ali se observam são as mesmas contemporâneas dos primeiros tempos do embrião da vida urbana, como a que vai para a mata (Ipiaú-Ilhéus), a de Conquista, a de Maracás, a de Jaguaquara. Tais caminhos são beneficiários dos vales que os condicionam. Jequié ficou com o privilégio de ser, no vale do rio das Contas, o ponto com que há maior convergência dessas linhas de fluidez, que atingem várias regiões do estado.

Quando se trata da importância das estradas, no passado, para a formação da cidade de Jequié Araújo (1997) relata que a ligação Camamu – Monte Alto, concluída por José de Sá Bittencourt, no primeiro lastro de 1800, também passando por Jequié, possibilitou paradas de boiadas do norte de Minas, em busca do litoral, já que, a partir de 1837, Montes Claros estaria ligado por estrada a rio Pardo que, por sua vez, se comunicava com Caeté e Vitória da Conquista. O sistema de circulação da fazenda Jequié ainda servia de encruzilhada para diversas estradas numa zona em que a caatinga e a mata se encontravam, permutando seus produtos vindos de direções opostas. Pelas mesmas vias escoavam o toucinho, o couro, peles e madeira do Alto Rio das Contas, o que se acentuou a partir de 1850, quando Maracás, ligada a Jequié, unir-se-ia também a Brumado e à Chapada Diamantina. Algum tempo depois, outra estrada partiria de Jequié em direção a Amargosa. Esta convergência natural de vias de comunicação foi decisiva na formação do futuro do município de Jequié.

Ainda deve-se ressaltar a importância, mesmo que de forma secundária, da chegada dos trilhos da Estrada de Ferro de Nazaré a Jequié. Porém, como as vias de circulação já se faziam presentes entre a cidade de Jequié e de suas vizinhas, a chegada da Estrada de Ferro não fez tanta diferença assim, uma vez que a circulação de pessoas e escoamento de mercadorias já tinham suas dinâmicas estabelecidas por meio das estradas e rodovias, sendo que a Estrada de Ferro era apenas

mais um meio para circulação de mercadorias. Segundo Santos (1957) a conclusão da Rio-Bahia (BR-116), se por um lado, fortaleceu a posição da cidade, por outro lado veio enfraquecer ainda mais as possibilidades da estação ferroviária. A princípio, aliás, de alguma sorte a rodovia serviu à ferrovia, quando as mercadorias trazidas do sul do país sofriam transbordo para poderem alcançar as cidades marginais à estrada de ferro.

Essa posição favorável nas vias de circulação de Jequié se ampliou ainda mais, nos dias atuais têm-se as Rodovias Federais: BR-116 (Rio-Bahia) e a BR-330. A BR-330 assume importância significativa para a região, isso porque está entre as Rodovias Federais BR-116 e BR-101, a BA-130 faz ligação com as BRs-116 e 330. Esta configuração de convergência de muitas rodovias foi e continua sendo de vital importância para o desenvolvimento econômico de Jequié, uma vez que facilita o escoamento de mercadorias, sendo atrativa para muitos empresários para instalação de indústrias, e, ainda, como parada e pouso de caminhoneiros. Na Figura 7 é possível verificar esta posição favorável da cidade de Jequié em se tratando das vias de circulação.

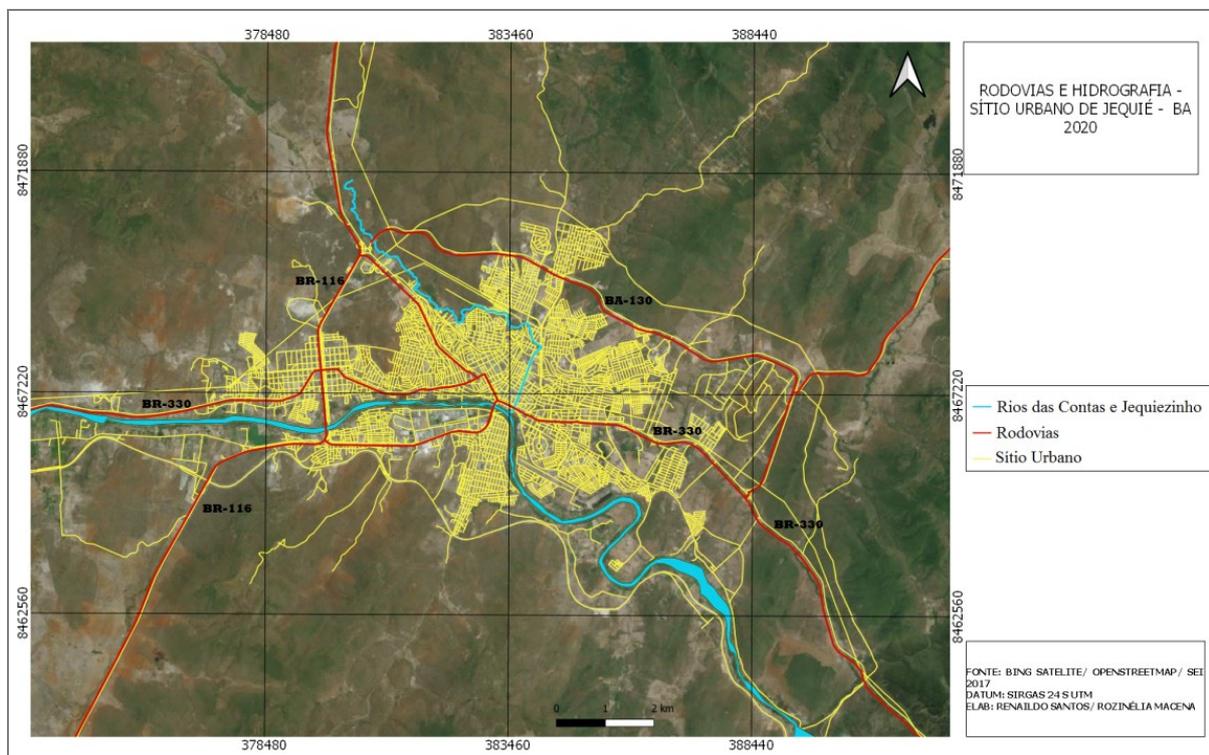


Figura 7 – Configuração das vias de circulação e rios das Contas e Jequeizinho, Sítio Urbano de Jequié/BA, 2020.

Fonte: Bing Satélite / OpenstreetMap / Sei (2017).

Elaboração: CONCEIÇÃO, R. S.; MACENA, R. (2020).

A Rio-Bahia (BR-116) é uma rodovia de grande importância para muitos centros urbanos do interior da Bahia, como é o caso de Vitória da Conquista, Feira de Santana e Jequié, cidades baianas que souberam muito bem aproveitar essa importância para a expansão da malha urbana,

comércio e economia local, como Jequié que em alguns trechos do sítio urbano, a rodovia é confundida até mesmo com o anel viário.

Para a cidade de Jequié, a construção da rodovia Rio-Bahia nos anos de 1950 representou a abertura de uma nova fase de prosperidade e crescimento. Vendo a estrada passar pelo coração da área urbana e confundir-se com as suas próprias ruas, sacudindo-lhe os antigos padrões interioranos e lhe transmitindo o sangue novo de um cosmopolitismo carregado das grandes metrópoles pelo caminhão. Jequié logo soube adaptar-se às necessidades da rodovia, dela lucrando não apenas uma agitação de superfície, porque soube incorporá-la à sua própria existência urbana, recolhendo disso mais movimento e animação. Foi assim que logrou aumentar-se em população, como em área construída, reforçando sua posição regional e a de porto de terra, que, no passado, fizera sua fortuna. (SANTOS, 1957).

Porém, a mesma Rio-Bahia que fortaleceu o comércio em Jequié, também, de certa forma, cooperou para que sua importância de entreposto de rodovias começasse a diminuir, isso porque muitas outras cidades como Feira de Santa, Santo Antônio de Jesus e Vitória da Conquista, souberam, estrategicamente, aproveitar a importância da Rio-Bahia e aumentar suas zonas de influências. A partir daí, Jequié precisou se reinventar, para acompanhar a dinâmica de modernização que suas vizinhas vinham passando. Com mais ênfase nos setores de comércio, que sempre teve sua importância, nos serviços, agroindústria, educação, saúde e entre outros ramos Jequié fortalece sua importância na microrregião Médio Rio das Contas.

Diante da diminuição da zona de influência do espaço urbano de Jequié em relação às suas vizinhas, Vitória da Conquista, Itabuna e Feira de Santana, os gestores municipais juntamente com os agentes imobiliários e empresários passaram a esquematizar novas possibilidades para a cidade se manter com sua zona de influência. Jequié, por sua vez, já com seu sistema viário consolidado passou a apresentar estrutura em serviços, saúde, educação e comércio com estratégias para fortalecer os serviços prestados aos 16 municípios da microrregião Médio Rio das Contas, além de atender aos outros sete distritos do município, nos quais os moradores mantêm relação diária com a cidade para trabalhar, estudar e serviços de saúde.

A área da saúde, ainda, oferece uma dinâmica de serviços no município e toda a microrregião, com um hospital geral do Estado, em atendimentos de emergência e urgência, internações para mais de 250 pacientes, algumas com UTI, realização de cirurgias, dentre outros serviços e mais algumas clínicas e três hospitais da rede privada. Com a pandemia do Novo Coronavírus, o hospital Geral e o hospital São Vicente passaram a atender, também, os pacientes diagnosticados com o COVID-19 oferecendo tratamentos em enfermarias e em UTI, ainda recebendo e tratando pacientes dos 16 municípios da Microrregião Médio Rio das Contas.

Nas últimas décadas, a cidade tem passado por significativa expansão da malha urbana, com crescimento, sobretudo no eixo leste-oeste, recebendo muitos empreendimentos no setor imobiliário. A taxa de urbanização apresentou expressivo crescimento entre 1970 e 2010, de 64,5% para 91,79%. Ainda é possível perceber essa relação de crescimento urbano com aferição da taxa de densidade demográfica que no mesmo período, 1970 a 2010, apresentou aumento de 22,61 hab/km². Isto é, passou de 30, 21 para 52,82 hab/km². (IBGE, CENSOS de 1970 a 2010).

As construções civis têm se destacado com implantação de muitos condomínios horizontais, os quais se fixam com maior intensidade nas áreas periféricas da cidade. Entretanto, no centro e nas grandes avenidas, como é o caso das Avenidas Rio Branco (Figura 8) e César Borges, têm passado por considerada renovação do setor imobiliário, com construções de muitos edifícios empresariais, comerciais e residenciais, em sua grande maioria, é utilizado para as três modalidades. Esta é uma tentativa da prefeitura juntamente com os agentes imobiliários para implantação expressiva da indústria de construção civil para fortalecer a cidade como polo regional e continuar atendendo à microrregião.



Figura 8 – Padrões de construção e utilização do espaço urbano na Av. Rio Branco, cidade de Jequié, 2020.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2020.

A gestão pública juntamente com os agentes imobiliários e empresários ainda tem tentado manter o desenvolvimento econômico e urbano da cidade com iniciativas de fomento e incentivos fiscais para instalação de muitas indústrias de pequeno, médio e grande porte. Cabe destacar a importância do Poliduto da Petrobrás que, após sua inauguração em 1997, tornou Jequié como

centro de distribuição dos derivados de petróleo e outros metais pesados para grande parte da Bahia e até mesmo outros estados. O distrito industrial, juntamente com outras indústrias dispersas sobre a cidade, também tem sido cruciais para a economia, sobretudo as fábricas Ramarim, Petyan, Gameleira, dentre outras que empregam milhares de funcionários e atuam na dinâmica urbana, uma vez que empregam muitas famílias do próprio município e de outros, as quais passam morar na cidade, assim como no fluxo contínuo da movimentação de caminhões com o recebimento e despacho de mercadorias para outros estados do país. Segundo a SEI (2020) com uma parcela considerável do PIB derivada da atividade terciária, as empresas do setor de comércio se destacaram com um total de 1.445 registros, 802 de empresas do ramo de serviços, enquanto que a indústria de transformação e construção civil totalizaram 407 registros no ano de 2014 em Jequié.

Nos serviços de educação, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) atende estudantes do próprio município, da Bahia e estudantes de outros estados, principalmente na procura por cursos de medicina, odontologia, farmácia entre outros. Dinâmica também estabelecida, mesmo que de forma menos intensa, pelas faculdades de iniciativa privada. A cidade, ainda, oferece unidades educacionais com formação técnica concomitante com o Ensino Médio, onde se destacam o Instituto Federal Baiano (IFBA), o Colégio Polivalente Edvaldo Boaventura e Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão e Tecnologia da Informação Regis Pacheco (CEEP). E outras escolas de referência para o Ensino Médio convencional, como o Colégio da Polícia Militar, Colégio Estadual Luiz Viana Filho, Colégio Modelo Luiz Eduardo Magalhães, dentre outras que possibilitam que alunos de municípios próximos procurem a cidade para estudar, seja na formação técnica ou apenas o médio, como também no ensino superior. Os estudos da SEI (2020) apontam que em relação ao nível educacional, Jequié apresentou 88 estabelecimentos de ensino pré-escolar (5.426 matrículas), 140 de ensino fundamental (22.950 matrículas) e 20 de ensino médio, com 6.507 matrículas efetuadas em 2013.

E assim, Jequié se mantém no competitivo ramo econômico do Estado da Bahia fortalecendo sua função de polo regional que atende a diversos municípios da microrregião Médio Rio das Contas e, indiretamente, sustenta, também, sua importância como entreposto rodoviário. Frente a essas condições, muitas famílias vêm para a sede urbana de Jequié em busca de melhor condição de vida, acarretando num crescimento urbano disperso e desordenado, como acontece em grande parte das médias cidades brasileiras.

Diante desta conjuntura, afirma-se que a cidade de Jequié acompanha as transformações do mundo moderno e se estrutura como centro urbano de porte médio, sendo representativa nos diversos setores produtivos de economia na circulação e movimento de capital. As cidades, sobretudo as de destaque nas microrregiões, como o caso de Jequié, são as que dispõem da maior parte dos serviços oferecidos para os municípios próximos e do interior de cada estado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da literatura revisada e dos resultados obtidos, é possível afirmar que a ocupação, povoamento e formação da artéria urbana de Jequié têm em seu arcabouço histórico disputas conflituosas entre os colonizadores e os indígenas nativos das terras jequieenses. A ocupação ainda se fez pelos colonizadores em busca de pedras preciosas no rio das Contas, logo em seguida, o processo de povoamento teve seu início com a chegada de muitos tropeiros que conduziam boiadas de Minas Gerais para o litoral baiano.

Verificou-se que as terras onde se localiza o sítio urbano de Jequié estiveram desde o período colonial numa zona de confluência de muitas estradas, o que facilitou a passagem e parada dos tropeiros e, também, o fluxo de muitas pessoas no processo de vendas e trocas de mercadorias. Dessa forma, observa-se a grande importância das vias de circulação para o processo de formação do espaço urbano de Jequié. Na medida em que a ocupação do espaço urbano foi se intensificando, ampliaram-se também as vias de circulação, e, conseqüentemente, nos dias atuais, o sítio urbano abriga a passagem das Rodovias Federais BR-330 e BR-116, rodovias que são de grande importância para muitos municípios baianos.

Como as terras jequieenses estão em área de transição entre a Zona da Mata e a Caatinga, as áreas próximas do rio das Contas e rio Jequiezinho foram atrativos para o processo inicial de ocupação e povoamento, de forma que, nos dias atuais, a malha urbana apresenta ocupação mais antiga nas proximidades dos rios e crescimento urbano recente em direção às áreas periféricas. A cidade de Jequié, atualmente, se mantém no competitivo ramo econômico baiano nos setores de educação, comércio, serviços e saúde com estratégias em atender aos 16 municípios da microrregião Médio Rio das Contas e mantém sua importância de entreposto rodoviário.

REFERÊNCIAS

ARAÚLO, E. P. **Capítulos da história de Jequié**. Salvador: EBG Editora, 1997. 262p.

BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Perfil socioeconômico do município de Jequié**. Salvador-BA, maio de 2020. Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/site/resumos/notas/2918001_NOTA.pdf. Acesso em: 30 abr. 2020.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 1970**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=769&view=detalhes>. Acesso em: 01 abr. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 1980**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=772>. Acesso em: 01 abr. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 1991**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=782&view=detalhes>. Acesso em: 01 abr. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2000**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=783>. Acesso em: 01 abr. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 01 abr. 2019.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. **Projeto RADAMBRASIL: levantamento dos recursos naturais**. Folha SD.24 Salvador. Rio de Janeiro: 1982, v. 28.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007. 123p.

JEQUIÉ, Prefeitura de Jequié. **Plano Diretor Municipal**. Lei Complementar nº 1, em 27 de dezembro de 2007.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. 146p.

MENDONÇA, F. Abordagem interdisciplinar da problemática ambiental urbano-metropolitana: esboço metodológico da experiência do doutorado em MA&D da UFPR sobre a RMC – Região Metropolitana de Curitiba. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 3, p. 79-95, 2001.

SANTOS, M. **A cidade de Jequié e sua região**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Conselho Nacional de Geografia). Rio de Janeiro, 1957. 47p.

SANT'ANNA NETO, J. L. O clima como risco, as cidades como sistemas vulneráveis, a saúde como promoção da vida. **Cadernos de Geografia**, Coimbra, n. 30-31, p. 215-257, 2011.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988, 88p.

Trabalho enviado em 30/11/2020

Trabalho aceito em 19/05/21